

Em Outubro de 1939, depois da eclosão da segunda guerra mundial regressa a Lisboa onde passa a desenvolver uma grande actividade como compositor, pianista, publicista, conferencista, organizador e regente de coros amadores.

Do ponto de vista criador, este período é importante e particularmente fecundo. A primeira obra de vulto composta depois do regresso é o "Concerto n.º 1 para Piano e Orquestra", com que, em 1940 obtém o prémio de composição do círculo de cultura musical, então instituído.

Por mais três vezes obtém o mesmo prémio: em 1942, com a História Trágico-marítima, ciclo de melodias para voz e orquestra sobre poemas de Miguel Torga; em 1944, com a "Sinfonia per Orchestra" (editada em 1948 pela casa Suvini Zerboni, de Milão), e em 1952 com a "Sonata n.º 3 de piano".

Na produção pianística assinalam-se, além das "7 bagatelas" (1939-1948), das "9 danças breves" (1938-1948) e dos "24 prelúdios" (1950-1955), as "11 Glossas" (1950), as "Viagens na minha terra" (1953), os "Natais portugueses" (1954) e as "Melodias Rústicas Portuguesas" (1956).

Sem falar nos numerosíssimos trechos para vozes "a capella" a que acrescem os para outras formações com participações vocais, recordam-se as "Duas canções de Fernando Pessoa" (1960) e os "Seis Cantos Sefardins" (1971) para canto e orquestra, os "Sete fragmentos de Velhos Romances Portugueses" (1949-1956), as "Cuatro Canciones de F. Garcia Lorca" (1953-1954), as "Nove canções de amigo" (1964), e os "Contos de Natal" (1958), para canto e conjunto instrumental de câmara.

Mas sobretudo e na sequência da "História Trágico-marítima", revista em 1959, destaca-se "D. Duardus e Flérida" (1964-1969), para recitantes, vozes solistas, como misto e orquestra, este último até hoje sempre ouvido (e visto) como ópera, mas concebido mais como cantata.

É em 1979 que, a pedido da Secretaria de Estado da Cultura, termina o que é até agora, não só o culminar da sua obra mas também o da música portuguesa actual: O "Requiem pelas vítimas do fascismo em Portugal", para Orquestra Sinfónica, coro e cinco solistas.

Entretanto em 1976 o soviete Supremo da URSS concede-lhe a Ordem da Amizade dos Povos. No ano de 1979 foi distinguido com a Medalha de Ouro da Cidade de Almada. Em 1980, o Presidente da República, General Ramalho Eanes, atribui-lhe o grau de Grande Oficial da Ordem Militar de Santiago de Espada. Em 1981, por ocasião do seu 75.º aniversário, é-lhe atribuída a Medalha de Honra da Cidade de Lisboa. Em 1986 o Presidente da República Mário Soares outorgou-lhe a Grã Cruz da Ordem do Infante D. Henrique. No mesmo ano foi feito Dr. Honoris Causa pela Universidade de Aveiro. Em 1988 o Coro Misto da Universidade de Coimbra em colaboração com todas as forças vivas da cidade, promoveu-lhe uma homenagem com a participação de 6 coros nacionais e estrangeiros além do coro da Academia de Amadores de Música por ele fundado.

Faleceu em 27.11.94

## Coro "Lopes-Graça" da Academia de Amadores de Música

Fundado em 1946 por F. Lopes-Graça, o Coro esteve inicialmente ligado ao Movimento de Unidade Democrática e só em 1950 foi oficialmente incorporado na A.A.M., tendo nessa altura adoptado o nome de Coro da Academia de Amadores de Música. O Coro foi dirigido pelo seu fundador até 1986, tendo a partir desse ano passado a contar com a direcção de José Robert, maestro-adjunto de Lopes-Graça de 1974 a 1985.

De início, o repertório do Coro era constituído pelas "Canções heróicas" que Lopes-graça havia começado a compor no Verão de 1944 em estreita colaboração com os autores dos poemas (Carlos Oliveira, João José Cochofel, José Gomes Ferreira, Armindo Rodrigues, Arquimedes da Silva Santos, Edmundo Bettencourt, Joaquim Namorado, Mário Dionísio, entre outros), e as apresentações públicas incluíam declamação de poesia por Manuela Porto, bem como sessões de teatro a cargo de um grupo de amadores por ela criado. A partir da década de 50 um cada vez maior número de canções regionais portuguesas, em harmonização de F. Lopes Graça, integrou o repertório do Coro e, devido aos condicionamentos políticos da época, as "Canções Heróicas" deixaram de ser cantadas nos concertos públicos. O Coro passou então a apresentar-se exclusivamente como instrumento de divulgação da canção regional portuguesa e recolhe admiração e aplauso junto da crítica musical da época, conseguindo ao mesmo tempo um grande impacto de comunicação junto das populações rurais e suburbanas.

O Coro tem actuado por todo o País em todo o tipo de salas e lugares perante as mais variadas assistências, tendo-se deslocado a Paris (Dezembro de 1974), Luanda (Abril de 1979) e Parlamento Europeu - Bruxelas (Abril de 1998).

João de Freitas Branco (in Gazeta Musical, Lisboa 1959) escreveu: "Fundando e dirigindo o Coro da Academia de Amadores de Música, Lopes Graça criou o meio de dar realidade sonora às suas harmonizações. O mais notável não é, todavia, o ter fundado e assumido a direcção, mas sim o formar em Portugal uma unidade polifónica persistente em existir, progredir e servir compenetradamente uma causa de cultura".

Fernando Lopes-Graça faleceu em 27 de Novembro de 1994 e, por decisão unânime da Assembleia Geral de A.A.M. de 15.12.94, passou a designar-se "Coro Lopes Graça da Academia de Amadores de Música".

## CINE-TEATRO FLORBELA ESPANCA em VILA VIÇOSA

CORO "LOPES-GRAÇA"  
DA



ACADEMIA DE AMADORES DE MÚSICA

Integrado nas Comemorações do 25 Abril

**DIA 24 DE ABRIL**

**21.30 H**



Câmara Municipal de Vila Viçosa

### José Robert

Desde muito cedo a actividade de José Robert incidiu no estudo e prática da música coral, pois que, simultaneamente com os seus estudos musicais, fez parte activa e regular de vários agrupamentos corais, infantis e juvenis, com especial incidência na polifonia.

Após ter concluído o Curso de Canto Gregoriano, estudou harmonia e composição com o Dr. Manuel Luis, praticou Direcção Coral e Música de Câmara com Viçoso Freire, dirigindo as Schola Cantorum do Seminário Maior Patriarcal dos Olivais durante vários anos.

Foi cofundador do Coro da Fundação Gulbankian, onde permaneceu cerca de oito anos. Posteriormente, depois de dirigir o Orfeão Scalabitano, hoje Coro do Circulo Cultural Scalabitano, assumiu a Direcção Artística do Choral Phidellius, cargo que ocupa desde 1971, dirigindo também, desde 1974 como adjunto de Fernando Lopes-Graça, e a partir de 1988 como titular, o Coro da Academia de Amadores de Música, presentemente designado Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Música.

Frequentou diversos cursos e seminários de Direcção Coral e Orquestral no País e no Estrangeiro. Nomeadamente trabalhou com Pierre Kaelin, Heinz Henning, Arnaudaf, da Bulgária, Herbert Joris e, em Berlim, frequentou o Curso Internacional para directores de Coros Mistos, sob a orientação de Gertrichmuth, de Leipzig.

Desde 1979, e com regularidade, dedica parte da sua actividade à formação técnica e artística de directores corais, orientando a convite da Secretaria de Estado da Cultura e de outros organismos oficiais e particulares, como a Escola Superior de Música de Lisboa e Academias de Música, diversos cursos e workshops de direcção coral em várias zonas do país. Com alguma frequência tem sido convidado para membro de júri de diversos concursos de composição coral e, também, para a direcção de ateliers corais em workshops especializados.

Diplomado com o Curso Superior de Educação pela Arte, do Conservatório Nacional de Lisboa, é, desde 1981, o Director Artístico do Coro da Universidade de Lisboa. Desde Outubro de 1991 desempenha o cargo de professor de Direcção Coral na Academia de Amadores de Música de Lisboa e, a partir de Março de 1997, data da sua fundação, dirige o Coro de Câmara da Universidade de Lisboa.

## Concerto pelo Coro Lopes Graça 24 de Abril de 2000

### PROGRAMA 1ª Parte

#### Canções Regionais Portuguesas

- Três Cantos de Trabalho**  
1. O milho da nossa terra  
2. Tascadeiras do meu linho  
3. Canção da Vindima

(Beira Baixa)  
(Douro Litoral)  
(Beira Baixa)

F. Lopes Graça

#### Duas canções de romaria

1. Senhora Sant' Ana  
2. Senhora d' Aires

(Douro Litoral)  
(Alentejo)

#### Um embalo e um romance

1. Anda, duérmete, nino  
2. Oração de Santo António

(Rio de Onor)  
(Algarve)

#### Três canções alentejanas

1. Ai de mim, tanta laranja  
2. Portas d'Elvas  
3. A moda da Rita

### 2ª Parte

#### Três canções alentejanas

1. Cisirão, cisirão  
2. O ladrão do negro melro  
3. Ó meu paninho, paninho

F. Lopes-Graça

#### Duas canções regionais

1. Os homens que vão pr'a guerra  
2. Canta, camarada, canta

F. Lopes-Graça  
(Douro Litoral)  
(Beira Baixa)

#### Sete canções Heróicas para coro e piano

1. As papoilas  
2. Mãe pobre  
3. A Ronda  
4. Canção campista  
5. Jornada  
6. Isto vai, meus amigos, isto v  
7. Acordai

F. Lopes-Graça  
José Gomes Ferreira  
Carlos de Oliveira  
João José Cochofel  
José Gomes Ferreira  
José Gomes Ferreira  
José Carlos Ary dos Santos  
José Gomes Ferreira

Grândola, Vila Morena

José Afonso  
Arranjo Coral F. Lopes-Graça

Direcção de José Robert

## VIDA E OBRA

Lopes Graça; Fernando

(Tomar, 17-12-1906; Parede, 27-11-94)

Compositor, pianista, regente e musicólogo português. Fez os primeiros estudos de piano na sua terra natal onde aos 14 anos ingressa no quinteto que funcionava no cine-teatro local.

Em 1942 vai para Lisboa onde cursa o Conservatório, tendo como professores Adriano Morcira (curso superior de piano), Tomás Barbosa (composição), Luís de Freitas Branco (ciências musicais) e Viana da Mota (curso de virtuosidade).

Em 1929 apresenta-se pela primeira vez como compositor tocando ele próprio as suas "Variações sobre um tema popular português", para piano e dirigindo um "Poemeto" para orquestra de arco.

Em 1931, terminados os estudos, presta provas de concurso para as vagas de professor de piano e de solfejo do Conservatório, em que obtém a primeira classificação, não chegando contudo a ser nomeado por motivos políticos, que lhe valem ser preso e deterrado para a via de Alpiarça, onde lhe é fixada a residência durante alguns meses.

Em 1932 vai para Coimbra a fim de ali exercer o professorado, primeiro na Academia da Música e depois, extinta esta, no Instituto de Música, até 1936. Torna a matricular-se na Universidade, cujo curso não chegou a terminar, e em 1934 concorre a uma bolsa da junta de Educação Nacional, mas apesar de aprovado não segue para Paris, novamente em virtude das suas ideias políticas, contrárias à situação vigente. Em 1936 é de novo detido, julgado e condenado em 1937.

Durante os anos de Coimbra colabora com o grupo literário da revista Presença pondo em música alguns dos seus poetas mais representativos: pela primeira vez no nosso país música e poesia se davam as mãos na mesma senda da modernidade.

Em 1937 parte para Paris onde frequenta a cadeira de musicólogo da Sorbonne. Escreve a música da revista-bailado "La fièvre du temps", estreada no Théâtre Pigalle em 1938, de que havia de extrair uma suite orquestral. Empreende, por sugestão da cantora Lucie Dewinsky, a harmonização das canções populares portuguesas. São estas harmonizações que marcam uma viragem no estilo e nas preocupações do compositor, que passam a orientar-se no sentido de conferir à sua música um cunho marcadamente português que ao mesmo tempo trouxesse à música portuguesa características de autenticidade nacional.

Anunciada já em obras anteriores, como "Variações sobre um tema popular português" (1928), o "Prelúdio, canção e dança" (1929), para piano, as "Três canções ao gosto popular" (1934), sobre versos de António Boto, as "Seis canções sobre quadras populares portuguesas" (1936), ou o "Pequeno Cancioneiro do Menino Jesus" (1936), sobre textos populares, esta orientação precisa-se e ganha, por assim dizer foros de programa estético sistemático na "Sonata n.º 2 para piano e no Quarteto para o violino", "Violoncelo e piano", obras compostas ainda em Paris.